

Quem sonha não morre

O GLOBO 22 DEZ 1998

MARINA SILVA

Passaram-se dez intensos e emocionados anos desde o assassinato de Chico Mendes. Em todo esse tempo o sentimento que compartilho com muitas pessoas conviveu com a imagem de outro Chico Mendes, construído com materiais intangíveis: o mito, as idéias e a história. Mas não se perdeu a parte mais íntima: a saudade do amigo, a falta do companheiro.

Sentimos sua falta nos momentos em que aconteceram coisas tristes: dispersão, disputa pela liderança, brigas, coisas que ele sabia evitar e contornar tão bem, com seu jeito conciliador, seu muito ouvir e pouco falar.

Nas lutas decisivas, nos confrontos políticos, sentimos falta de seu carisma, sua palavra, sua liderança calma e até sua cativante ingenuidade de homem simples do interior da floresta. Nas mesas de negociação, na discussão dos projetos, na hora de decidir como conquistar e aplicar os recursos, sentimos falta de seus conhecimentos da floresta e das comunidades que nela vivem, que ele visitava tantas vezes todos os anos, eterno andarilho, sempre recebido com amizade e carinho.

Sentimos sua falta na hora de mobilizar as pessoas, de reunir a comunidade, de renovar o ânimo e compartilhar a expectativa da luta. Era o que ele mais sabia: reunir e animar, dando a palavra aos outros e sendo mais um no meio de todos. Essa é a principal lição que ele nos deu, a de que o verdadeiro líder não ofusca seus companheiros, mas se alegra com o sucesso deles.

E apesar da falta que nos fez, não deixamos de sentir sua presença dentro de nós, na coragem que ele nos legou. Nos momentos de perigo, lembrávamos; ele não fugiu nem diante da morte que sabia inevitável. Nós não temos direito à covardia, não podemos pensar em desistir.

Assim conseguimos andar para a frente e mudar algumas coisas nesses dez anos. Levamos adiante o sonho, multiplicamos as experiências: criando escolas, formando professores e agentes de saúde, organizando cooperativas, colocando o carro na estrada e o barco no rio. Apesar do Estado, apesar do mercado, contra todas as expectativas, buscamos e conseguimos aliados dentro e fora do Brasil, mantendo sempre a certeza de que o único desenvolvimento real para a Amazônia é aquele em que ela pode continuar sendo Amazônia.

Foi grande a mudança de mentalidade. Quem falava em desenvolvimento sustentável há dez anos? Quem tinha coragem de colocar-se contra a derrubada da floresta e suportar as acusações de ser "contra o progresso"? Poucos, bem poucos. Hoje essas idéias são consensos firmados aos quais se converteram, na prática ou ao menos na retórica, até os que a elas se opunham. Mesmo os governos mais conservadores e as empresas que demonstravam avidez de lucros sem preocupações ambientais agora reconhecem — ou, ao menos, suportam — a legitimidade das idéias de Chico Mendes.

Mudou também a política, terreno minado em que nos movíamos com tanta dificuldade. Ainda lembro com nitidez a alegria do Chico, apenas dois meses antes de sua morte, quando fui eleita vereadora, a única do PT, na capital do Acre. Eu e mais três vereadores em Xapuri, era tudo o que tínhamos — e já nos parecia um grande passo adiante. Outros passos se seguiram: a Prefeitura de Rio Branco e, agora, mais três cidades do interior do Acre, inclusive Xapuri, que tem seu primeiro prefeito seringueiro. Capi-beribe no Governo do Amapá, Edmilson na Prefeitura de Belém e, finalmente, Jorge Viana no Governo do Acre junto com mais um senador e dois deputados federais. É como disse o Gabeira, lembrando e invertendo a música de Cazuzza: os amigos de Chico Mendes estão no poder.

Sim, andamos um bocado. E agora podemos perceber que a herança que Chico nos deixou é também um desafio: a liderança política não consiste em reivindicar ansiosamente a autoria das conquistas mas, justamente ao contrário, em dividir as responsabilidades e diluir o poder. O conceito de sustentabilidade, que é central em nossa idéia de desenvolvimento, não diz respeito apenas ao imperativo ecológico de conservar para as futuras gerações os recursos naturais que encontramos. Também a atividade política deve ser sustentável. A partir de princípios éticos duradouros, podemos fazer alianças que podem ser passageiras e pontuais, evitando comprometer a possibilidade de parcerias futuras, buscando sempre o consenso possível de cada situação.

A liderança política é um ponto numa ampla rede

de relações. Sua eficácia consiste em interagir com os núcleos vivos da sociedade, reforçá-los e ampliá-los. Não trabalhar para o povo, mas com o povo. Reconhecer a legitimidade das organizações autônomas da sociedade, dialogar, trocar experiências, aprender. Esse é um desafio do Brasil: reinventar as relações entre a política dos políticos e a política da sociedade. Paradoxalmente, a Amazônia, com sua grande diversidade de povos, línguas e costumes, pode tornar-se o terreno onde brotará um novo acordo social. Diferente dos pactos políticos das cúpulas, esse novo acordo social não servirá para evitar as mudanças, mas para fazê-las; não concentrará o poder, mas o diluirá; não acomodará interesses, mas estabelecerá critérios; não esconderá diferenças, mas as deixará mais claras

para que possam ser partilhadas ou superadas. Seremos capazes de realizar essa utopia? As conquistas que obtivemos nos últimos dez anos nos dão esperança que sim.

Pelo menos em alguns cantos da Amazônia, chegamos ao final do milênio com o ânimo renovado. Aos poucos, a sociedade vai despertando do sono letárgico da indiferença social e ambiental, da ausência de cidadania, da falência das instituições, da miséria e da impunidade que resultou de tudo isso. Os povos da floresta e da cidade estão aten-

dendo ao chamado do futuro. Chico Mendes não morreu em vão. Seus companheiros e aprendizes, destinados a conservar e ampliar tão valiosa herança, jamais cederão um milímetro do que foi conquistado, pois sabem o quanto devem ao seu sacrifício. Aprendemos com ele a manter os olhos voltados para o futuro.

Sempre digo que na Amazônia os melhores lagos não são os que ficam eternamente isolados, mas sim aqueles que, de vez em quando, são inundados por novas águas, alimentando-se de novas espécies de peixes e nutrientes. Após esses dez anos sem Chico Mendes, suavizemos nossas saudades inundando-nos na enxurrada de sonhos que ele nos deixou.

MARINA SILVA é senadora pelo PT do Acre e membro titular da Comissão de Assuntos Sociais do Senado.